



Arte e fenomenologia



Entrevista com Carlos Bracher

Por José Luiz Furtado (UFOP)

Carlos Bracher nasceu em Juiz de Fora/MG, em 1940, numa família que há gerações dedica-se às artes plásticas e à música. Contudo, sua formação é autodidata, dentro do estilo expressionista que o consagrou e configurou as linhas mestras de sua obra.

Em 1967, com a obtenção da láurea máxima do Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro – o *Prêmio de Viagem ao Exterior* –, passa a residir na Europa por dois anos, principalmente em Paris.

Obteve o *Prêmio Hilton de Pintura*, em 1980, coordenado pela FUNARTE, como um dos dez artistas brasileiros que mais se destacaram na década de 1970, entre eles Siron Franco, João Câmara, Tomie Ohtake, Maria Leontina e Cláudio Tozzi.

Sua primeira exposição foi realizada em maio de 1957, e nestes 52 anos vem construindo uma obra que se constitui em mais de dez mil trabalhos em pintura. Expõe no Brasil e exterior, sendo recebido por críticos, poetas e escritores nacionais e estrangeiros.

Com o título de *Pintura Sempre* e sob a curadoria de Olívio Tavares de Araújo, em 1989 foi realizada uma retrospectiva de sua obra nos principais museus do país, como o MASP (São Paulo), Museu Nacional de Belas Artes (Rio), Palácio das Artes (Belo Horizonte) e Museu de Arte Contemporânea (Curitiba).

Relembrando o centenário da morte de Van Gogh, em 1990 realizou uma série de 100 quadros, intitulada *Homenagem a Van Gogh*, que foi exposta no Brasil, França, Holanda, Inglaterra, China, Japão e Colômbia.

Em 2007 pintou a *Série Brasília*, composta de 66 quadros de grande formato, que foi exposta no Museu Nacional de Brasília, a mais recente obra de Niemeyer na Capital.

Foram publicados cinco livros sobre seu trabalho: *Bracher* – Ed. Metron, São Paulo, 1989; *Bracher: Homenagem a Van Gogh* – Empresa das Artes, São Paulo, 1991; *Carlos Bracher: Do ouro ao aço* – Ed. Salamandra, Rio, 1992; *Carlos Bracher*, de João Adolfo Hansen – Ed. da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1998; *Bracher/Brasília* – Rona Editora, Belo Horizonte, 2007. Foram realizados dezenas de documentários sobre sua vida e obra.

Reside há 38 anos em Ouro Preto, ao lado do Departamento de Filosofia da UFOP. É casado com a artista Fani Bracher e tem duas filhas: Blima (jornalista) e Larissa (atriz).

Entrevista de Carlos Bracher a José Luiz Furtado

José Luiz Furtado: Como você começou a pintar e o que você esperava dessa arte no início de sua carreira?

Carlos Bracher: Comecei a pintar não por uma manifestação específica de talento, mas por influência familiar, pois em minha família existem várias gerações de artistas, músicos e pintores, a começar pelo meu avô materno, Frederico, violinista. Seguem-se seus filhos, sendo que quase todos tiveram verdadeiros pendores, como também meu pai, pianista, que se casou com minha mãe, igualmente musicista.

Sou o filho caçula desse casal, sendo que meu irmão Décio, pintor, desenhista e arquiteto, vai puxar o cordão entre todos nós, passando por Celina, Paulo e Nívea, até chegar a mim. Todos unidos pela imantação da pintura. Portanto, quando tudo chegou a mim, apenas senti o perfume profundo e astral de uma centelha misteriosa que se apossou de imediato de mim e na qual embarquei quase sem saída. Há que se registrar aí a magia das tertúlias encantadas, fazendo da arte o verbo das disponibilidades impossíveis.

JLF: É comum os pintores passarem por “fases”, como Picasso, para citar apenas um, da fase “azul”. Você acha que sua pintura, ou a história dela, também poderia ser classificada por fases, no sentido clássico do termo, ou ela se caracterizaria mais por uma variação de temas (Van Gogh, Ouro Preto, Siderurgias, Brasília, Retratos, etc.)?

CB: Eu acho que pinto a vida toda a mesma coisa, quase exatamente, quase exatamente. Não vejo em mim variações diferenciadoras, apenas sequência de um campo infindo do que seja o olhar e o pensamento. Provavelmente, Van Gogh, Ouro Preto, Siderurgia, Brasília, estes sejam apenas mudanças de um mesmo enfoque.

JLF: Quais são os pintores que mais o influenciaram e como foram essas influências?

CB: São muitos, quase todos. Sinto-me uma soma de cada um. Meu caso com a pintura é da paixão, e ao me enveredar por esse grande mundo, me apaixonei pelos seus personagens, que são os edificadores dos códigos do mundo artístico. Porém há uns fulgurantes, a se avantajarem na grande soma: Monet, Gauguin, Matisse, Van Gogh, Goya, Turner e El Greco. Também, posteriormente, os expressionistas alemães.

JLF: Entre os pintores brasileiros contemporâneos quais você citaria como expoentes?

CB: Anita Malfalti, Portinari, Guignard, Marcier, Iberê Camargo, Ivan Marquetti e Inimá de Paula. Dos mais novos, Siron Franco, Gerschman, José Antônio da Silva e Doteiro.

JLF: Kandinsky afirmou certa vez que “a cor é uma vibração interior” e que sem “vibração interior” não há arte. Gostaria que você comentasse essas afirmações.

CB: Concordo. Não só com a cor, mas a totalidade do sentimento de criar. Arte é função íntima, os desvãos inalienáveis do que somos por dentro. E tudo vem em forma de vibração, a ação que se volatiliza em forma concreta. Arte é sensação fluídica que transita nos poros de cada um. Sem o exercício pleno, a efetivação da natureza pessoal, não haverá, jamais, arte. A arte está dentro do indivíduo, nós a trazemos nos estertores de nós mesmos, e a obra é apenas uma sequência natural dessa resultante que está resguardada na pessoa.

JLF: Um filósofo francês contemporâneo, Michel Henry, afirmou que a abstração, mesmo em se tratando da pintura figurativa, é a essência da pintura. O que você pensa disso?

CB: Talvez Michel Henry esteja certo, que essa condição íntima não tenha que ser expressa ou condicionada em forma alguma. Cada artista vai se revelar, apenas isso. E não necessariamente sob algum atributo prefixado. O mesmo se dá com música e a poesia: elas não precisam dizer especificamente de nada – são extroversões de uma funcionalidade válida em si, mera manifestação sem a necessidade de descrever coisa alguma. A fruição é algo abstrato, é como tocar o infinito das não palavras, das não formas. Arte vem a ser uma espécie de desajuste. Ou, por outro lado, um ajuste personificado com as mãos e as ferramentas do artista. Algo assim como um campo livre das liberações sutis do homem frente a seus próprios enigmas.

JLF: Certa vez perguntaram a Picasso o que ele procurava com seus quadros. Ele respondeu: “eu não procuro, eu acho”. A partir disso: o que você procura em sua pintura?

CB: Picasso acertou outra vez. É isso mesmo. Não só ele, como todos os outros que sejam regidos pela emoção. Quem “procura” arte não vai encontrá-la. A arte não está – ela é –, sendo um entremeio entre nós e os abismos. O homem é a sua própria arte, por esta voz recôndita, insuperável e inaudita que brota dos fragores.

JLF: A arte em geral provoca, como disse a filosofia, “abertura de mundos”, mundos dos quais jamais desconfiaríamos se nos ativessemos apenas ao horizonte da vida cotidiana. Pois bem, para qual mundo sua pintura se abre, ou antes, “nos” abre para ele?

CB: Como em Shakespeare, “abertura dos mundos” – eis a questão. O nosso. E o dos outros. No artista guarda-se este privilégio, de antepor-se. Ele é uma espécie de fração dos homens, uma unidade emblemática do exercício das intimidades. Como os seres em geral são próximos entre si, o artista vem a ser uma espécie de causa e sequência dos demais homens.

Para ouvirmos, alguém terá que cantar, algo assim como os pássaros o fazem para nós e a toda natureza; nós, artistas, somos uma espécie de pássaros a anunciar as auroras vicejantes da própria vida. De mim, não sou nada, talvez um pobre pássaro em desvalia. Mas tenho meu canto, estas mãos que me afiguram e este peito que se enche de lágrimas quando as coisas brotam fortes em mim, fundas de mim.

JLF: Em filosofia da arte há uma discussão acirrada entre os “estetas”, de um lado, e os “fenomenólogos”, de outro, acerca da essência da beleza. Os “estetas” acham que a beleza está ligada ao gozo. Dizer que alguma coisa é bela significa expressar um sentimento de prazer peculiar ligado à fruição da obra. Prazer que seria diferente de todos os outros porque julgamos que ele nos autoriza, embora seja altamente subjetivo, a pensar que todos os outros homens, em nosso lugar, diante da mesma obra, deveriam julgá-la também bela. O representante mais ilustre desta escola seria Kant. Já os fenomenólogos, como Heidegger, condenam tal concepção da arte por achar que ela degrada a obra de arte a mero objeto de deleite. Ao contrário, a arte teria uma relação com a verdade e não com a beleza propriamente dita. O que você diria dessa querela filosófica?

CB: Arte é emoção, volúpia, interação. Como um corte fatal nas vísceras e no pensamento. É tudo junto diante da fatalidade do prosseguir. Somos de uma selvageria evoluída. Em síntese, arte é um trajeto da desrazão. Aliás, nem razão ou desrazão, mas um conduto subjacente e transgressor que brota da sensibilidade, essa alça fecunda que tudo toca, contunde, sublima e eterniza. Arte é o delírio, a quase ausência de princípios de qualquer volumetria. Um assunto para ser deglutido no silêncio, nas ramagens de um subsolo onde o sol muitas vezes não penetra.

JLF: Gostaria que você falasse um pouco sobre sua experiência na Europa, principalmente sobre suas – me permita o termo – “redentoras de Van Gogh”.

CB: Van Gogh, eis a potência. Ele se tornou uma face do princípio e fim das coisas, inclusive da arte. Amo-o não só como artista, também como homem. Essa entidade, inteira e complexa, disposta a errar. Não que ele viesse do erro ou a ele se propusesse. Não. Mas ele projetava muito alto os próprios sonhos, na condição de errar. Altos, tão altos que o dizimaram. Van Gogh foi morto pelos próprios sonhos. Ou salvou-se por eles, tendo sido, ao contrário, maior que eles, porque Van Gogh venceu e tornou-se emblema de uma própria origem, que no fundo somos todos nós, os artistas; salvando-nos, ao mostrar-nos a lucidez de um caminho a ser permeado. A força de seu brilho vinha do condão da eternidade. Ele foi fundo na eternidade de seus abismos. Arte é apenas isso. Quem quiser aproximar-se desse universo, há que saber que o fogo queima. Queima e mata. Mas também alucina, procria, resvala os eixos de tudo que possa ser magia, cântico, descida e subida às ladeiras das progressões infinitas.

O que eu quis dizer naquela homenagem a ele, em cem quadros, foi desse amor que lhe tenho. Para isso estive nos próprios lugares onde ele pintou seus mais belos quadros, em Arles, Saint-Rémy e Auvers-sur-Oise, e daí me acerquei dele próprio, diretamente, com muitas cores, e tomei posse desse amor. É muito lindo, quando a verdade humana se consolida no coração.

JLF: Como se deu sua decisão de morar em Ouro Preto?

CB: Sou de Juiz de Fora, o berço e a fonte de tudo que sou. Tenho uma família indizível, de casta beleza como seres. Em 1962 eu e minha irmã, uma grande artista, Nívea Bracher, resolvemos sair de casa para pintar as cidades históricas de Minas, que até então não conhecíamos. Fomos a São João Del Rey, onde ficamos três meses e, logo após, Tiradentes, por um mês. Em seguida, Sabará, por pouco tempo. Em 1964 resolvemos conhecer a velha Vila Rica, para pintá-la e dar prosseguimento à imersão barroca. Moramos na casa da Lili, nas Lages, naquele casarão eloquente à esquerda de quem vai a Mariana.

Ouro Preto foi, para mim, um vendaval avassalador, fazendo-me mudar a própria vida. Mudei-a a tal modo que resolvi instalar-me aqui. No início, quando me mudei, já casado com a Fani, pensava em ficar no máximo uns três anos. Não mais. Mas a cidade me pegou para valer. É uma questão de destino, pois aqui estou passando a maior parte da minha vida, onde criamos nossas filhas Blima e Larissa, e onde construí grande parte da minha pintura. E, sobretudo, Ouro Preto valeu pelo nascimento desta linda artista que aqui floresceu: a Fani.

JLF: Você sempre pintou retratos? Ou começou mais recentemente? Como é a experiência de retratar pessoas? Em que isso difere de outros temas pictóricos?

CB: Sempre pintei retratos, desde o início. Só que antes era como mero exercício de aprendizagem. Tive ao meu lado uma extraordinária mestra na arte de retratos, a Nívea, que me fez redimensionar o significado dessa arte específica. Ela me fez abrir o mundo da introspecção e da identidade, da personificação e potência que se descerram dos segmentos irrelatáveis de cada modelo. Hoje, talvez seja nos retratos onde melhor guardo a essência de uma certa pureza ainda inviolável de mim.

JLF: Li uma carta de Van Gogh para seu irmão em que ele descreve, quase em pormenores, um mundo que ele planejara pintar. No entanto é quase consenso entre os filósofos da arte que o artista não “sabe” nada do que ele vai fazer quando começa a pintar.

CB: Há de tudo: os que sabem de antemão e os que não sabem. São modalidades diferentes de um processo sempre particular. Cada artista tem sua maneira de ser e de exercer. Uns são bravios, contundentes como a faca, outros calmos, lineares como a asséptica reta. As pessoas se diferenciam pelo conjunto molecular e cultural, também pela espectral idade inerente à psicologia individual.

A importância da arte se estabelece na resultante final – na obra acabada (ou inacabada). A essência central da arte é a de emocionar, traduzir valores e ideias num perímetro abstrato e real do que possa compreender a extensão dos seres. Tanto nos emociona a placidez de um Piero della Francesca, Mondrian ou as maçãs de Cézanne, quanto Kokoschka, Munch ou *A Noite Estrelada* de Van Gogh.

Voltando à sua pergunta, eu sou dos que “não sabem”. Quando parto para uma tela é uma viagem meio naufragada, sem limites nem búss-

solas. Meu quadro nasce por si próprio, quase sem minha interferência. Ele vai, vai, indo, surgindo, revelando-se a si e a mim ao mesmo tempo, como algo surgido do mistério enclavado, da poesia que há de nascer quase sem palavra, da rima que se faz essencialidade, na cor, no gesto, na louvação da matéria que se faz carne.

O verbo da flor pode ser melancolia ou desvario, dependendo do grau de intensidade (ou insanidade). Porém, tudo é arte, faz-se arte, pode vir a ser, nela se transubstanciando. É o artista que vai aferir o estado de cada coisa. Através da arte o homem consubstancia ao máximo seus sentidos, pois ela forma um elo com a essência do seu próprio espírito.

JLF: Gostaria que você comentasse um pouco como foi sua última “aventura estética”: pintar Brasília .

CB: Brasília é outra paixão, uma espécie de Ouro Preto que se ficou ao longo do tempo. Tenho por Juscelino Kubtscek tremenda admiração. E sempre, desde a juventude, a cidade lançou-me fascínios magistrais, desde quando ali estive em 1962. Trata-se de uma longa história. Tão longa e tão bela que não resisti: decidi pintá-la. E o fiz, há dois anos, numa série de 66 quadros, todos pintados ao vivo, à queima-roupa. Mas não foi fácil porque Brasília é imensa. Também por causa da questão do excesso de modernidade e, obviamente, de linhas retas intermináveis. Como síntese do drama ali encontrado, escrevi um pequeno texto que bem resume a situação: “Minha índole barroca de caos e de curvas não saberia encarar a fria equação de retas da arquitetura. [...] Então olhei para a terra. Mirei meu olhar e a alma não para baixo, mas lancei minhas âncoras aos céus e lá encontrei a substância não só da cidade, mas a saída de mim mesmo”.